ANO 15.º LISBOA — SEGUNDA-FEIRA, 6 DE MAIO DE 193 N.º 4476

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

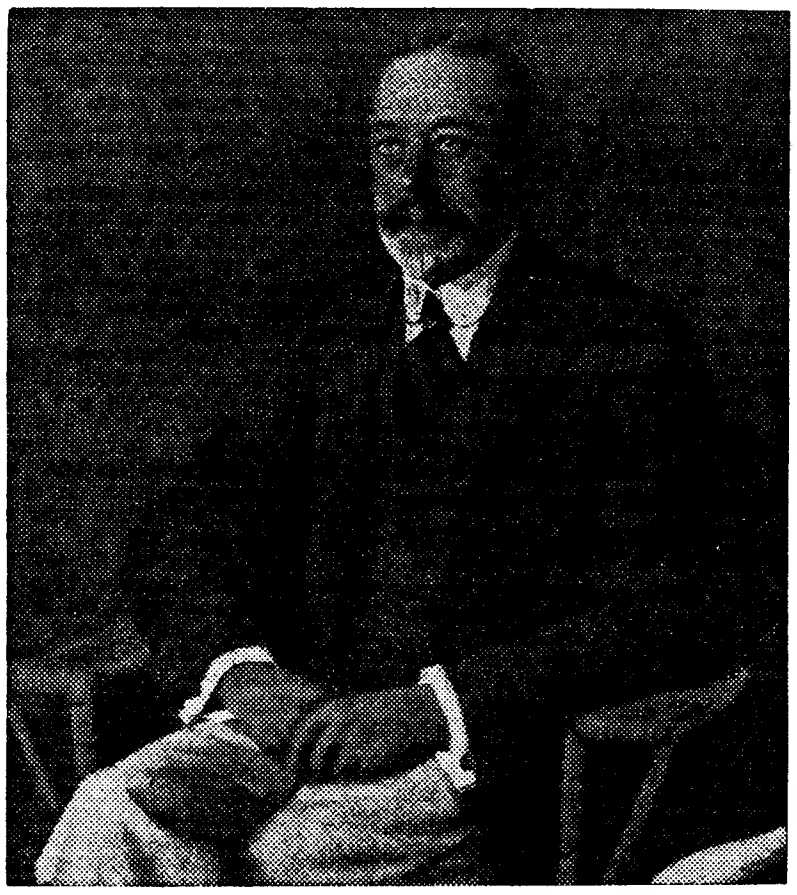
DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

JUBILEU DE JORGE V

A INGLATERRA EM FESTA



O REI JORGE V

Bem fez o «Diario de Lisboa» em consagrar um numero especial á celebração do jubileu de Sua Majestade o Rei de Inglaterra, prestigioso soberano da nossa velha aliada.

O povo português deve associar-se com entusiasmo a esta brilhante comemoração, não só porque sempre nos será grato partilhar da satisfação de um povo amigo, mas ainda porque o rei Jorge V merece realmente todas as homenagens que nesta data lhe são prestadas. A consagração feita aos seus 25 anos de reinado é a prova evidente do extraordinario exito da sua acção governativa. Para este contribuiram, além da inexcedivel dedicação do rei pelos seus deveres nacionais, a sua elevada e integra estrutura moral que o impõe ao respeito de todo o mundo. A lealdade do seu caracter, a correcção absoluta de todos os seus actos fazem dele o tipo perfeito do *gentleman* inglês, essa magnifica republização das altas qualidades de caracter e da perfeita educação dum povo. Notavel é tambem a sua exemplar vida de familia, que oferece um modelo perfeito á vida social inglesa.

Assim, o rei de Inglaterra conseguiu uma popularidade, que nenhum dos seus antecessores excedeu, e um afecto assombroso por parte dos seus subditos. Em todos os lares ingleses o rei é querido como se fôsse um dos membros da familia. Ainda se não esqueceu o apaixonado interesse que toda a população da Grã-Bretanha mostrava a cada hora, quando ha anos a saude de Sua Majestade despertou vivos receios. E só quem, como eu, viu as festas recentes do casamento de Suas Altezas Reais os duques de Kent, poude apreciar devidamente o admiravel lealismo da nação britanica, o seu amor pelo seu rei e pelos principes da Casa Real, a sua dedicação sincera por eles. Na multidão, que se apinhava nas ruas atravessadas pelo deslumbrante cortejo, havia, mesmo acima da natural curiosidad, a vibrante paixão pelos monarcas.

Tambem fora da Brã-Bretanha, mas dentro dos vastos dominios do seu imperio colonial, o rei é o grande elo da cadeia que a todos une. Se a influencia do governo britanico nos dominios muito deminui, neles subsiste intacta a devoção entusiastica pelo chefe do Estado.

Que melhor pode Sua Majestade desejar em recompensa da sua operosa dedicação pelo país do que verificar após 25 anos de governo que o seu povo inteiro o admira e venera tanto? Creio ser este o melhor criterio que possa haver para avaliar do exito duma administração publica, mormente numa epoca em que tão arduo é manter o prestigio de quem governa e em que ha tão pouca união entre os cidadãos e os seus chefes.

E' pois convicção intima minha que Portugal se deve unir com justiça e vibrantemente a todos louvores que a Sua Majestade El-rei venham a ser prestadas.

RUI ENNES ULRICH

A RAINHA MARIA

LISBON MEMORIES

LISBOA DE HA CINQUENTA ANOS

Recordada por J. N. Marsden, correspondente do "Times"

Lisbon fifty years ago—How diffehent from the Lisbon today! Not that people did not enjoy themselves: perhaps in some respects the enjoyment then was greater, because it was not so continuous.

Life was easier, the streets were less crawded; no motorcars—only the old «grawlers»—the coachmen of which always wore silk hats and used umbrellas when it rained. The English golden sovereign was a current coin of the realm in which all salaries and wages were paid,—at 4.500 reis to the pound. The old clumsy heavy twopenny pieces «patacos», were used abundantly, and one was glad to get rid of them as they lirerally made holes in one's pockets.

The only Railway Station was at Santa Apolonia—there was no Railway to Sintra or Cascais—but diligence coaches ran to these places.

J. N. MARSDEN

The tramcars were run by mules and only went as far as Santa Apolonia—The Rato and Algés. The lowest fare was fifty reis—2 1/2 d—which was raised to 60 reis at night—ta pay for the oil used in the lamps.

With my British love for sport, when I arrived I/found plenty to satisfy me. At Caxias there was a Lawn Tennis Club—consisting of about a dozen members—the first appearence of Lawn Tennis in Portugal—and we thought nothing of having to walk all the way to Caxias from Algés for a Sunday's enjoyment. Several of my Portuguese friends would not be persuaded that the raquette was not for catching butterflies (para apanhar moscas).

We used to have cricket matches and played at Campo Pequeno, where the Bullring now stands—and it was not unusual to suspend play in order to allow a cart or a flock of sheep to cross the pitch. We also played against Carcavelos, the Sub-marine Cable Station, and I have known an eleven walk to Carcavelos from Algés and back again in the evening for a game of cricket. Who woult do that now?

And we as a Colony were fond of walking. One Sunday, with the late Mr. Rawes, I walked to Sintra, thence to Cascais by the outer road and then back to Algés.

The evenings were often spent at one another's houses, playing whist, vingt-et-un and nap. And at Portuguese Houses we heard excellent music—never can I forget the musical evenings at the House of Senhor Conde Daupias, who did so much to encourage classical instrumental music in Portugal.

Then we had the old Circus in the Rua da Palma—where, besides the usual Circus—we were treated to the Spanish Zarzuellas—«Cadiz», «La Gran Via» and many others.

But the greatest treat of all was the Opera House of São Carlos. There we could hear the very best Operas and the most celebrated singers of the day, «Adelina Patti, Tetrazini, Schalcalotti, Van Zant (for whom Mignon was composed), Batistini, the brothers Andrade and a host of others.

Ladies in those days had a very bad time. No girls could go out alone, but had to be accompanied by à relation or a servant. They had however some recompense in the picnics to Sintra, Costa da Caparica, etc. At these picnics which were called «burricadas»—because everyone was furnished with a donkey, there were many opportunities for flirting.

Although I was brought up as a lawyer and passed all the necessary examinations, forty years of my life in Portugal was devouted to comerce and I can look on my relations with Portuguese business Houses with the greatest pleasure. To mention only a few names—I can see them now in my minds eye with their silk hats and frockcoats—Joaquim Dias Ferreira, Luiz Val do Rio, Policarpo Anjos, Luiz e Antonio Diogo da Silva, Alberto Centeno, Oliveira Soares, Antonio Silva, Gouveia and many others. Never in my own Country did I meet with such straight forward dealing and honesty I found with my old Commercial friends—literally their word was their bond. Nor must I omit to mention the kind hispitality and friendlyness I received in my young days from the many Portuguese friends I made socially—a friendship that still exists; some Alas!—are no longer here.

I have lived so many years in Portugal that I have come to look on the Country as my second Home—A minha segunda Patria!

Lisboa de ha cinquenta anos—como era diferente da Lisboa de hoje! Havia então, menos passatempos e divertimentos? Sim, mas tambem por essa mesma razão eram estes melhor aproveitados por todos nós. A vida nesse tempo era mais facil e as ruas menos animadas deixavam que mais facilmente se circulasse; tambem não havia ainda automoveis—mas os trens, com os cocheiros sempre de chapeu alto e chapeu de chuva aberto, quando chovia, satisfaziam as nossas necessidades. A libra ouro, inglesa, era então a moeda corrente em que se pagavam os salarios, ao cambio de 4.500 reis! E ainda corriam «patacos» em grande abundancia—essas moedas enormes cujo peso abria buracos nos bolsos em que caiam.

A unica estação de caminho de ferro era a de Santa Apolonia,—não havia ainda caminho de ferro para Sintra ou Cascais e só de «diligencia» se fazia então esse trajecto. Os «electricos» dessa epoca já remota, eram tirados a mulas—e faziam carreiras apenas até Santa Apolonia, ao Rato e Algés. O bilhete mais pequeno custava 50 reis, á noite era mais caro, 10 reis, para pagar o azeite que alimentava as lampadas de iluminação dos carros.

Para satisfazer as minhas necessidades desportivas de inglês, encontrei á chegada a Portugal um clube de tennis em Caxias—que era o primeiro clube de tennis do país e não contava mais de uma duzia de socios—e nunca nos enfadou o passeio a pé a que eramos obrigados todos os domingos, de Algés a Caxias, para fazermos o nosso desporte preferido. Lembro-me que alguns amigos portugueses não se queriam persuadir de que as «raquettes» não se destinavam a apanhar borboletas—ou a matar moscas.

Tambem jogavamos o «cricket», no Campo Pequeno—onde hoje está a praça de touros—e não poucas vezes eramos forçados a suspender o jogo para deixar atravessar o campo algum carro ou rebanho de carneiros que pachorrentemente passavam...

Os nossos principais *matches* jogavam-se contra o «team» do Cabo Submarino de Carcavelos. E quantas vezes o «onze» de Lisboa não caminhou toda a distancia de Algés a Carcavelos apenas para jogar um «match», regressando á noite a Lisboa. Quem faria hoje tanto pelo amor do desporte?

A colonia inglesa gostava de andar. Um domingo na companhia do falecido senhor James Rawes lembro-me de ter feito a pé, o trajecto de Lisboa a Sintra, dali até Cascais, pela estrada marginal, regressando ambos até Algés.

As noites, passavamo-las no geral em casa de pessoas amigas, jogando o Whist, o Vingt-et-un e o Nap. Em casa dos nossos amigos portugueses ouvia-se musica— jamais esquecerei as noites deliciosas de boa musica que passámos em casa do conde de Daupias,—que tanto fez pela musica classica em Portugal. No circo da rua da Palma, além do espectaculo de circo, assistiamos tambem a boas zarzuelas espanholas e foi lá que vimos a «Cadiz», «La Gran Via», e muitas outras ainda hoje lembradas com saudade.

O melhor de tudo porém era o teatro de Opera em São Carlos. Ali ouvimos o que melhor havia de operas e de cantores de fama mundial; —Adelina Patti, Tetrazini, Schalcalotti, Van Zant (para quem a Mignon foi composto) Battistini, os irmãos Andrade e tantos outros, que nunca mais pudemos esquecer.

As senhoras nesses tempos é que tinham uma vida menos agradavel. As raparigas novas só podiam sair acompanhadas por uma pessoa de familia ou por uma criada de confiança. Restava-lhes a unica compensação dos «pic-nics» a Sintra ou á Costa da Caparica—as «burricadas» como então se lhe chamava, em razão do meio de transporte empregado—e só nestes passeios elas tinham alguma oportunidade para «flirtar».

Apesar de ter estudado e cursado Direito, durante quarenta anos devotei-me á vida comercial e é com gratas saudades que relembro as minhas relações comerciais com firmas portuguesas. Para mencionar apenas alguns nomes, recordarei aqui os saudosos Joaquim Dias Ferreira, Luiz Val do Rio, Policarpo Anjos, Luiz e Antonio Diogo da Silva, Alberto Centeno, Oliveira Soares, Antonio Silva Gouveia e tantos outros. Nunca no meu proprio país encontrei tanta lealdade e honestidade nas transacções como entre aqueles meus velhos amigos comerciais, cuja palavra valia sempre um compromisso e este era sempre cumprido.

Nem devo aqui deixar de registar a amavel hospitalidade e provas de amizade que recebi na minha juventude, daqueles amigos portugueses com quem travei relações na sociedade—amizade que permanece hoje ainda intacta. E alguns destes, Alas! já não pertencem a este mundo.

Ha tantos anos já que vivo em Portugal, que, naturalmente e com sinceridade o considero e declaro—a minha segunda Patria!

O DIA DE JORGE V

A's 7 horas o soberano toma a sua primeira refeição, e nos dias em que passeia a cavalo em Hyde Park, sai do palacio ás 8, para estar de volta ás 9—hora do almôço. O resto da manhã passa-a Jorge V a trabalhar com o seu secretario. Nunca descuida dos seus deveres. Seja qual fôr a hora a que cheguem os despachos ou relatorios do *Foreign Office* ou dos outros ministerios, o rei trata de tudo, assina tudo, cumprindo conscienciosamente os arduos deveres de Chefe de Estado.

O «Chefe de Familia» gosta de ter perto dele, enquanto trabalha, a sua muito amada esposa; e a rainha, tranquila, a um canto da sala, entretem-se com os seus bordados, o seu *crochet*, enquanto o marido trata dos negocios de Estado.

Quasi sempre os soberanos jantam a sós. As proprias damas e oficiais de serviço comem áparte.

E' frequente haver convivas ao *Luncheon*, mas para o jantar é muito raro. Suas majestades, tendo jantado juntos, saem poucas vezes á noite. Gosam assim umas horas de descanso, após os enfadonhos deveres publicos de cada dia.

Nos seus discursos, o rei Jorge serve-se constantemente das palavras «A Rainha e Eu» e esta grande afeição que se revela a todo o momento é um dos segredos da popularidade a que os soberanos ingleses gosam no coração e sentimento do seu povo.

Desde muito novo que o rei Jorge se revelou um ardente filatelista. Tem colecções rarissimas de selos, muitos ainda do tempo, quando como moço oficial de Marinha, os procurava por todo o mundo.

A sua colecção, instalada numa sala enorme do Palacio de Buckinsham é tão grande que foi nomeao um funcionario especial para tratar dela, e o soberano inglês liga-lhe tanta importancia que durante a guerra mandou fazer, nos baixos do palacio, um quarto de cimento armado, transportando para lá os preciosos selos a fim de os proteger dos *raids* sobre Londes dos Zeppelins. Encontrou uma ardente colaboradora neste predilecto passatempo, na sua netinha «Sillibet» como carinhosamente é tratada em familia a encantadora pricesinha Elizabeth. Passa horas junto do avô, na sala onde estão arrumados e etiquetados com o maior cuidado centenas de caixas e livros com selos, e já possui tambem a sua pequena colecção. O rei tem grande simpatia pelos jovens coleccionadores de selos com quem ás vezes, pondo de parte as cerimonias da realeza, se corresponde, mandando-lhes selos ou trocando-os, como usam fazer os filatelistas vulgares.

HOTEL URGEIRIÇA
CANAS DE SENHORIM
(Under English Management)
Tennis
Swimming
Golf

A PROPOSITO DO JUBILEU DE JORGE V

pelo general João de Almeida

Dois grandes motivos determinam a imperial concordancia e o sentimento profundo em que todo o povo inglês festeja o jubileu do seu rei: Em primeiro lugar a estrutural fidelidade dos ingleses á realeza—fidelidade tradicional, enraízada, que perdeu todo o ar dum sentimento de submissão para ganhar toda a essencia dum sentimento de familia. Em segundo lugar a situação pessoal do rei Jorge V entre o seu povo: chefe politico e chefe de toda a grande familia inglesa, na acepção mais sentimental da palavra. Jorge V conseguiu, durante o seu reinado captar simpatias e estima unanimes, de todos os seus subditos, dentro das dilatadas fronteiras do mais vasto imperio do mundo. Nem Eduardo VII, aliás tão querido em certos meios e por certas classes da velha Inglaterra, conseguiu, tão larga, extensa e homogenea popularidade.

No dia do jubileu todos os ingleses festejam, não só o chefe que tem sabido sê-lo a contento de todos e se instalou no coração de cada um, mas tambem o mais respeitado dos membros da sua familia. E cada familia lhe fará a sua festa, juntando-se ao ruído publico das ruas em manifestações apoteoticas ou recolhida na intimidade dos seus «homes» onde o rei não faltará.

E assim o jubileu, apesar da sua grandeza e imponencia nunca vistas, apesar de ser a manifestação mais

GENERAL JOÃO DE ALMEIDA

extraordinaria que nos tempos modernos se tem feito a um homem — porque será festejado em toda a extensão do Imperio Britanico — não perderá a recatada e dôce expressão duma festa de familia, dumas «bôdas de ouro» entre avós venerandos e netos carinhosos.

Não nos deve ser indiferente, a nós portugueses, esta festa. Nem pelo significado tão exemplarmente unificador que oferece o espectaculo duma grande Nação politica e sentimentalmente unida em volta do seu chefe — nem pelo pretexto que se apresenta para popularizar uma aliança secular, á continuidade e robustecimento da qual, Portugal e Inglaterra, de igual para igual, tem hoje ,mais do que nunca, ligados fortes interesses politicos, economicos e espirituais.

A nossa aliança com a Inglaterra não é popular em Portugal. Os homens de escol, cuja cultura, sentido das realidades e espirito politico pode sentir e compreender em toda a extensão os objectivos e os interesses da Nação, bem como aqueles que vestem uma farda e sabem o valor militar da nossa aliança, fizeram dela uma razão consciente e apoiam-na sem duvidas nem hesitações. A grande massa do povo não sente nem compreende a aliança inglesa. Ou porque pessoas de espirito superficial a têm malsinado, ou porque um juizo imperfeito de certos acontecimentos o tem afastado da verdade — o que é certo é que a aliança não é popular.

Isto é tanto mais lamentavel quanto é certo que são infundadas as razões que têm despopularizado a aliança inglesa: certas atitudes e factos da politica inglesa relativos a Portugal em que temos sido lesados. E' necessario verificar, antes de qualquer juizo, se por tais lesões não fômos nós os principais responsaveis, quer defendendo mal os nossos interesses, quer esquecendo, como tantas vezes sucedeu durante os cem anos de liberalismo, o que devemos á nossa dignidade e ao nosso prestigio.

Nunca tivemos razões de queixa da Inglaterra — antes pelo contrario — sempre que com ela tratamos de igual para igual, no nivel da nossa dignidade nacional de povo independente e cioso da sua independencia e com firme espirito de defesa dos nossos interesses.

E é a politica a seguir — aquela que fará da aliança um instrumento util e de grande valor para ambas as partes. E como instrumento util convêm popularizá-la .fazê-la compreender pela grande massa da nação — que a leviandade dalguns espiritos instaveis, quere por vezes desviar para simpatias suspeitas e nas quais só prejuizos podemos sofrer.

Mas isto veio a proposito do jubileu do rei Jorge V. Não nos afastemos do acontecimento e, colhendo nele um exemplo que nos interessa, hoje que temos chefes, ordem, organização e sádio orgulho do que sômos, e uma ansia de grandeza, aproveitemos tambem a oportunidade para manifestar por outras formas, além das oficiais, a nossa solidariedade e o nosso espirito de aliados, ao povo inglês.

Para terminar, sem comentarios, porque são dispensaveis, uma nota curiosa: o hino inglês — esse hino tão significativo sob o ponto de vista da fidelidade á realeza — foi agora alterado na letra, por um descendente de Henry Carey, seu autor, Mr. Herbert Darnley no sentido de limar nele tudo quanto exprimia um sentimento guerreiro ou, pelo menos, não pacifista.

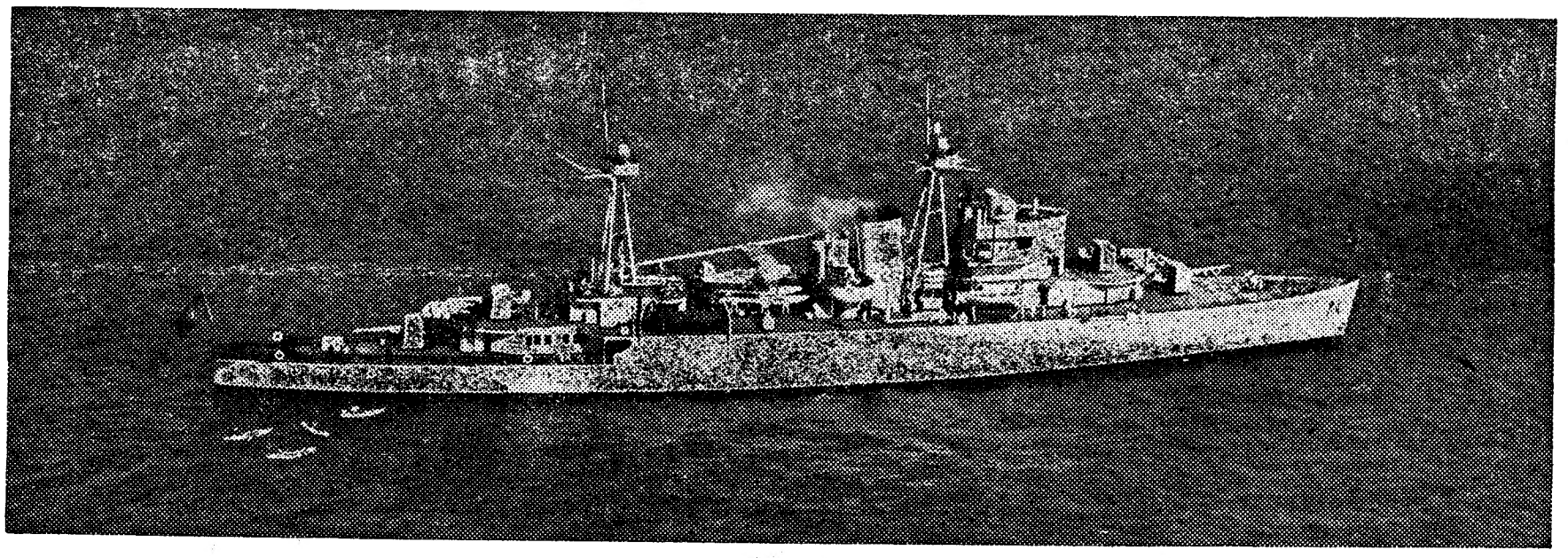
A grande industria inglesa de construção naval

ao serviço da reorganisação da Armada Portuguesa

Os fornecimentos pela empreza Hawthorn Leslie

A empreza britanica Hawthorn Leslie, com sede em New-Castle, foi, de entre as que concorreram á execução do programa naval português, aquela que maior encomenda recebeu: 2 avisos de 1.ª classe e 2 avisos de 2.ª classe, com o deslocamento global de 7.200 toneladas. Os quatro referidos navios têm provado excelentemente e honram a esquadra portuguesa e os estaleiros que os construiram, sendo os dois primeiros os maiores desta parte do programa.

A casa Hawthorn Leslie é representada em Portugal pela «The Engineering Company of Portugal Ltd.», rua dos Remolares, 12, 1.° — Lisboa.

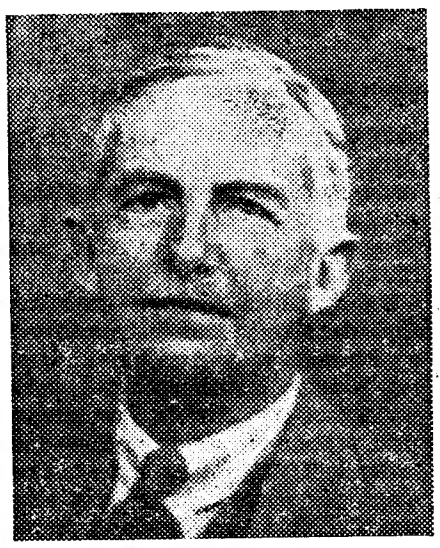


O aviso de 1.ª classe "Afonso de Albuquerque„ igual ao "Bartolomeu Dias„ que em breve chegará ao Tejo. Foram construidos pela mesma empreza — Hawthorn Leslie — os avisos de 2.ª classe "Gonçalo Velho„ e "Gonçalves Zarco„

Duas sugestões sobre turismo em Portugal

por R. G. Jayne

— (Presidente da Camara de Comercio Britanica)



Those who have lived for some time in this country, and who have visited its beauty spots and buildings of architectural interest must feel pleased at the way in which, due to the eforts of various organizations and individuals, Portugal is gradually taking the place which is her due, amongst those countries which have become Internationally known as centres of tourism. There is the national movement of tourism by rail and road, and the foreign current, mainly through Lisbon, as the only port which can at present accomodate the large ships employed in tourist and foreign services, and international motor traffic through the frontier posts. Much has been done, and much has still to come, as the problem is not so simple as observers sometimes think. There are two words I would like to say, dont abandon the really artistic old Portuguese architecture in favour of modern foreign styles, and in catering for present and future foreign tourist traffic in the provinces it seems to me that simple, clean, modest priced, hotels, standing back from the road, in a garden with shade, providing comfort not luxury, is what is called for.

In conclusion I would like to say that touching my own countrymen, I have repeatedly heard them express their appreciation of the warm welcome extended to them by our Portuguese friends of oll grades. I thank the «Diario de Lisboa» for giving me this opportunity at this moment when the British Empire is celebrating the Silver Jubilee of its Sovereigns, of associating myself with our old and trusted friends in Portugal.

Quem viva já ha algum tempo neste país e conheça os seus lugares mais belos e os seus monumentos arquitecturiais de maior interesse, deve sentir um intimo prazer em verificar que, devido aos esforços de varias organizações e individualidades, Portugal conquista, dia a dia, o lugar que lhe é devido entre aqueles paises que se tornaram conhecidos internacionalmente como centros de turismo. Verifica-se actualmente um progressivo movimento de turismo nacional por caminho de ferro e estrada, a par de uma corrente de turismo estrangeiro, principalmente pelo porto de Lisboa, —aquele que presentemente melhor condições oferece aos grandes navios de turismo—e o trafego internacional através dos postos fronteiriços. Muito se tem feito e muito se está fazendo e ha a fazer neste problema que não é tão simples como á primeira vista parece. Sobre este assunto permito-me dizer duas palavras: que não se abandone a artistica arquitectura portuguesa de outras epocas substituindo-se nos novos edificios por incaracteristicos estilos estrangeiros modernos; que para receber o turista que visite com pouca demora as diversas terras da provincia se lhes proporcione hoteis economicos, absolutamente asseados, confortaveis mas não luxuosos e sempre que fôr possivel dentro dum jardim onde haja sombras aprazíveis e onde se possa descansar longe do trafego das estradas.

Em conclusão, quero afirmar que no que se refere a compatriotas meus, repetidas vezes tenho, e com muito prazer, ouvido palavras de apreço pela forma como são recebidos pelos nossos amigos portugueses. Agradeço ao «Diario de Lisboa» a oportunidade que me proporcionou para me associar aos meus velhos e fieis amigos em Portugal neste momento em que o Imperio Britanico celebra o Jubileu de prata dos seus Reis.

MODAS DO JUBILEU

A moda será sempre a eterna associada dos movimentos patrios, aproveitando todos os ensejos para fazer realçar o desfile da sua marcha á roda do mundo. Assim se faz deslumbrar para as mulheres e arrasta-as atrás das suas fantasias, sempre repetidas como um eco continuo.

A festa deslumbrante e comovedora que a Inglaterra vai desenrolar aos olhos da civilização numa alegria tão equilibrada e sadia, nesta hora indecisa, chega a parecer uma historia de fadas contada numa noite tempestiva para distrair o terror das almas...

Com o protesto de apresentar modas para o Jubileu real desenterraram-se todas as velharias, e descerraram-se baús onde repouzavam num «requiem in pace», as complicadas ousadias que adornaram a facil elegancia do ultimo periodo do romantismo.

As largas «toilettes» flutuantes, vaporosas como espuma, as mangas perdidas dos casacos á maneira de «toga», golas de prata rendilhada e malas do mesmo metal, chapeus de palha semeados de flores do prado, como nas suaves iluminuras de Wateaux, ou grandes abas, todas levantadas, contracenando com os pequenos chapeus enfeitados de plumas que acompanham os severos vestidos de alpaca.

Eis as novidades que mais atrairam a atenção das elegantes que farão a viva decoração das janelas «parties» do caminho real—nesta semana festiva do Jubileu. Uma janela em Pall Mall será mais disputada do que um camarote da Opera nas noites saudosas da Patti!—as noivas não ficaram indiferentes á evolução actual. No recente enlace de Miss Marjorie Stonor, esta famosa actriz adornava a sua cabeça nupcial com uma corôa de malmequeres a prender o veu, substituindo assim a classica flor de laranjeira—enjoativa de mais para uma noiva ultra-moderna!

A par de todas as excentricidades surgem as ingenuas alegorias que esmaltam milhares e milhares de «bijouteries» aprovadas pelo bom gosto de S. A. a Rainha, para serem postas no mercado.

Copos de porcelana com hinos singelos entrelaçados entre cercaduras rusticas, ensinam a matar a sêde da verdadeira alegria, tornando as almas todas accociadas neste côro de festa.

Tradicionalista, como poucas nações, a Inglaterra não se esqueceu de mandar bordar a ouro sobre vistosas recordações, a folha do trevo da Irlanda, a rosa nacional aberta em sol, e o agreste simbolo da Escossia, o cardo, impregnado do perfume das velhas lendas guerreiras.

E para que nada esquecesse nesta hora de ovações a Beleza e a Arte dão o seu melhor concurso exibindo-se dia a dia no decurso deste arraial britanico. A baronesa Palmstierna, mulher do ministro da Suecia fará ouvir-se num concerto de «leader» da sua terra em beneficio do movimento feminino educativo da Suecia.

E quando a voz da senhora Palmstierna se elevar entoando essas suaves canções escolhidas, Miss Jubileu, por outro lado sorri deslumbrante para o juri que hesita etnre as inumeras candidatas a este titulo supremo—Miss Jubileu será a flor viva desta primavera real, o simbolo de todos os sonhos de perfeição, porque enquanto houver soberanos que saibam conservar a franca alegria dos seus subditos, o mundo não será tão mau como se pensa.

NITA LUPI

Aliados na Grande Guerra

pelo general Ferreira Martins

Decorrido um seculo depois da Guerra Peninsular, a Inglaterra e Portugal voltaram a encontrar-se na Grande Guerra lutando, como leais aliados, contra o novo inimigo comum que pretendia destruir pela força os principios basilares da Democracia tão respeitados na antiga Monarquia Britanica como na então recem-nascida Republica Portuguesa.

Em dois teatros de operações, tão lado a lado, britanicos e portugueses, contra a hegemonia teutonica que ameaçava o mundo: na frente ocidental da Europa aonde fomos levados pela justa previsão de que só ali a contenda viria a ter a sua decisão final e só ali portanto a nossa presença na guerra marcaria á Nação o lugar que lhe conviria na paz; na costa oriental de Africa, onde nos encontrámos em acção comum de defesa de colonias limitrofes, ameaçadas pela furia cubiçosa do invasor insaciavel.

A heterogeneidade das raças e as consequentes divergencias de caracter, de temperamento, de educação, de maneira de ser, a diferença extrema das linguas e os inevitaveis malentendidos dela resultantes; o desconhecimento reciproco dos dois povos, de que fatalmente se ressentiam as relações pessoais entre os combatentes menos cultos das duas nações; a diferença de preparação cultural e tecnica entre o pessoal britanico e o português, menos especializado este do que aquele; e, finalmente, — referindo-me agora mais em especial á nossa situação em França — o excesso de trabalho, de preocupações e de incomodos que a nossa cooperação militar acarretou aos comandos britanicos, e o bom humor permanente dos nossos aliados que, desde o mais graduado ao mais humilde, só excepcionalmente deixavam de gosar periodicamente o repousi a que tinham justo direito, em contraste flagrante com a má disposição, a fadiga, o enervamento dos portugueses, na sua quasi totalidade inibidos dessa regalia durante mais dum ano; tudo isso se conjugou para que, por vezes, se manifestasse um certo mal-estar, mesmo uns certos atritos, que, embora passageiros, não deixaram de ser desagradaveis para ambas as partes.

Não é sem um certo pesar que recordamos a tentativa feita, em 1917, por lord Derby, ministro no *War Office*, para que as unidades do C. E. P. fossem enquadradas com oficiais britanicos, tentativa que esbarrou na oposição intransigente, altiva mas correctamente apresentada pelo ministro da Guerra português, sr. Norton de Matos. Mas é com verdadeira satisfação que registamos a desistencia imediata do ministro britanico que, certamente, não só compreendeu como apreciou com a devida justiça a atitude patriotica do seu colega português.

Foi necessario que mudasse o governo da Republica e que o general Bernardiston, representante do Estado Maior britanico em Portugal durante a guerra julgasse, porventura, mais propicio o momento, para que aquela tentativa fosse renovada em 1918. Encontrou ela desta vez a nobre e firme repulsa do general Garcia Rosado, a quem foi extra-oficialmente comunicada quando em Londres, como delegado do governo, tratava com o governo britanico de assuntos respeitantes á reconstituição do C. E. P. que ia comandar.

E mais uma vez os nossos aliados, com a gentileza que é seu timbre, retiraram a proposta que tinham preparado, e o general Garcia Rosado, não só conseguiu o melhor acolhimento do governo britanico a todos os seus desejos, como veio a obter depois, em França, do marechal sir Dougles Haig, o desejado acordo sobre o seu plano de reconstituição do C. E. P. que, se não foi realizado antes do armisticio, não foi por culpa do comando em chefe britanico.

Encontraram os portugueses nesta conjuntura dificil, o apoio dedicado do general Birdwood (hoje marechal), a cujos esforços conjugados com a tenacidade inquebrantavel do general Garcia Rosado ficou devendo o C. E. P., ficou devendo Portugal, a boa fortuna de ter tropas suas, de infantaria, de artelharia e de engenharia, no Escalda, junto das tropas britanicas, quando, em 11 de novembro de 1918, soou para o mundo a hora feliz do armisticio.

Assim se verifica que, se de facto as circunstancias especiais, atrás assinaladas, em que se realizara a nossa cooperação militar com as tropas britanicas, dificultaram por vezes a nossa acção ou nos causaram momentos varios de enfado ou de desanimo, nem por isso devemos deixar de reconhecer quanta lealdade, quanta justiça, quanta dedicação, encontrámos tambem da parte dos nossos aliados nas horas amargas da vida enervante da nossa campanha em França.

Nunca os comandos britanicos, na Flandres, regatearam ao nosso soldado o reconhecimento das suas excelentes qualidades, louvando-o com leal e imparcial justiça, até mesmo em confronto com o soldado britanico. E' assim, por exemplo, que os relatorios dos comandos das escolas britanicas, instaladas na zona da guerra, onde os nossos soldados foram instruidos nas especialidades criadas pela guerra de trincheiras, assim como os relatorios dos comandos das unidades britanicas onde os nossos foram encorporadas, no *front*, como estagiarios, antes de guarnecerem o sector português, todos eles se referem com elogio ao nosso soldado, inteligente, perspicaz, corajoso, sobrio e sofredor, como talvez nenhum outro.

Numerosos comandos britanicos não deixaram de apreciar com a devida justiça os serviços prestados pelas tropas portuguesas e de galardoar os portugueses, de qualquer grau militar, que neles mais se distinguiam pela sua acção pessoal. Os elogios verbais e os telegramas e notas de congratulação e louvor não se faziam esperar sempre que para isso havia justificado motivo; e não poucos são—honra nos seja!—aqueles que se encontram nos arquivos do C. E. P. Não são raros tambem os combatentes portugueses que trouxeram da guerra o peito ornado de valiosas condecorações britanicas: a *Distinguished Conduct Medal*, a *Military Cross*, a *Distinguished Service Order*, para citar apenas aquelas que com mais parcimonia são conferidas a estrangeiros.

E estes factos, honrosos para nós, são tanto mais dignos de apreço quanto é sabido que não é proprio do caracter britanico a prodigalidade no louvor nem a generosidade na recompensa.

Quando, após quatro meses consecutivos de permanencia nas trincheiras, do nosso corpo de Exercito, e da acção, particularmente notavel das nossas tropas, em fevereiro e março de 1918, o general Horne, comandante do 1.º Exercito britanico, a que o nosso corpo estava tacticamente subordinado, foi á residencia do general Tamagnini, em St. Venant, fazer-lhe entrega das insignias da *Ordem do Banho* (K. C. B.), alta distinção com que S. M. o rei Jorge V se dignara agraciar o comandante do corpo português, proferiu, no seu breve discurso, as seguintes palavras que no coração dos portugueses que o escutaram, ficarão eternamente gravadas:

«... aproveito esta oportunidade para exprimir ao general Tamagnini e a todos os militares do Corpo Portu-

(Vêr continuação na pagina central)

AMILCAR DE SOUSA
ALFAIATE
Fatos dos mais recentes padrões
Desde 250.00 escudos
R. da Prata, 108, 3.º Telef. 2 1008 LISBOA

Ponte sobre o rio Zambeze

A construção da ponte sobre o rio Zambeze é uma consequencia da politica de cooperação luso-britanica realizada na Africa Oriental. Ela serve os interesses ingleses, principalmente pela facilidade de comunicações que estabelece ao protectorado da Nyassalandia, e promove o desenvolvimento economico duma parte consideravel da colonia de Moçambique. Referimo-nos especialmente ao aumento de trafego que a ponte deve provocar no movimento do porto da Beira e ao possivel aproveitamento do carvão de Tete.

A ponte estabelece a ligação directa do porto da Beira com a Nissalandia, sem se demoras e dificuldades provenientes da travessia do rio por meio de barcos, como acontecia até ha pouco. Principia em Sena, povoação do territorio administrado pela Companhia de Moçambique, e termina em Mutarara, na margem esquerda, região sob a directa administração do Estado. Está ligada a Sena e a Mutarara por dois viadutos que somam uma extensão de 685 metros. Na parte sobre o rio a ponte mede 2.992 metros, cobrindo assim, a ponte e os viadutos, a distancia de 3.677 metros entre as duas margens.

Entre a cidade da Beira e Sena as comunicações ferroviarias são feitas pelos serviços do Trans-Zambeziano. Na margem esquerda a ligação com a ponte é feita pela Central Africa Railway. A construção do caminho de ferro da Niassalandia, entre o antigo «terminus» da linha, Blantyre, e o Lago Nyassa, está já concluida. Um barco a oleos pesados, capaz de transportar entre 300 a 400 toneladas de carga, será utilisado no trafego entre a linha do caminho de ferro, no Lago Nyassa, e as diversas pontes do mesmo lago.

Numa conferencia realizada em Bruxelas pelo sr. A. E. Geiard, com a assistencia do sr. dr. Augusto de Castro, ministro de Portugal na Belgica, foi exposta minuciosamente a questão do aproveitamento do carvão de Tete. Transcrevemos algumas das considerações apresentadas pelo conferente:

«Bastará ligar a região carbonifera de Tete por via ferrea, quer á testa da ponte, numa distancia de cêrca de 290 quilometros, quer a Chiromo, o que reduziria o traçado a 180 quilometros, para se desenvolver, consideravelmente, a exploração dos jazigos carboniferos e conseguir, dentro de curto prazo, vender anualmente cem mil toneladas de combustivel na Zambezia, no Nyassaland e na Beira.

«O governo português encarregou uma missão de estudar um traçado que segue o vale do Zambeze. Ha dois anos que essa missão iniciou os seus trabalhos.

«Quanto ao traçado norte, parece-nos interessante recordar que, em 1925, um grupo belga, compreendendo a importancia consideravel do caminho de ferro de Tete, ofereceu-se para o construir sem garantias nem subsidios. Só em 1930, depois de lançadas as bases da actual reorganização de Portugal, foi possivel obter uma resposta em que o governo português declarava aceitar a oferta. O assunto não teve, porém, seguimento, porque as condições economicas e financeiras estavam completamente modificadas.

«Entretanto, o Conselho Superior das Obras Publicas e Minas de Portugal tinha decidido, por unanimidade, que era ao governo português que competia fazer a construção da linha. Essa decisão foi adoptada pelo ministro das Colonias, que era então o eminente homem de Estado dr. Oliveira Salazar, universalmente conhecido e admirado.

«Isto demonstra claramente, meus senhores, que é com confiança, mais ainda, com certeza, que a Mineira Zambeziana espera a rapida execução das obras do caminho de ferro de Tete, garantia da sua prosperidade e do formidavel desenvolvimento que pode assumir o distrito em que aquela sociedade tem a sua séde.

«Confesso que o que importa a esta sociedade não é a escolha dum ou doutro traçado, mas a existencia duma linha ferrea, factor imprescindivel do seu desenvolvimento.

«Não sou profeta, mas, uma vez inaugurado o caminho de ferro de Tete, prevejo que muito rapidamente chegará ao porto lusitano da Beira carvão português, o que equivale a lançar a nossa hulha no grande mercado mundial do Oceano Indico».

AS COROAS DA GRAN BRETANHA

Na realidade, existem varias corôas de Inglaterra, marcando varias epocas historicas, e rigorosamente guardadas e vigiadas na velha Torre de Londres. Entre todas a mais maravilhosa, pela riqueza, e pelo numero de joias que a adornam, é a coroa Imperial, feita ha quasi um seculo, para servir na coroação da rainha Victoria. E' cravejada de pedras preciosas—3.000 ao todo—que fazem vergar com o seu peso a parte superior da coroa. Algumas destas joias são valiosissimas e de grande actividade.

Prende logo a vista um enorme rubi, que foi oferecido ha 558 anos ao «Principe Negro», o valente filho-guerreiro de Eduardo III da Inglaterra, e mais tarde brilhou no peito do rei Henrque V, na grande batalha de Agincourt. Muitas dessas joas têm a sua historia. Uma das mais valiosas foi descoberta por acaso numa mina de ouro, na Africa do Sul. Passava um homem junto da mina quando viu encravado na terra um objecto brilhante que parecia o fundo de uma garrafa partida. Apanhou-o por curiosidade. Era um diamante de enormes dimensões e brilho, que é hoje uma das mais formosas joias da corôa de Inglaterra.

A ALIANÇA ESPIRITUAL

Need for a better Anglo-Portuguese

Spiritual understanding

By Luiz C. Lupi

There is much need of a campaign in favour of a better spiritual understanding between the British and Portuguese peoples who, in spite of the old alliance that has linked to-gether the destinies of these twc Countries for many centuries, are yet almost unacquainted with each other as far as Literature and Art are concerned. A movement to this effect shound be started without delay by those who are responsible for the education in Portugal and the propaganda of this Country in the British Empire. A similar movement should be made by England and the members of the British Colony in Portugal and in the Portuguese Colonies. This would be of great mutual advantage. At the reception given in honour of the oldest British residents in Portugal by the Sociedade Propaganda de Portugal last week, in commemoration of the King's jubilee, those who attended to it had the opportunity of seeing how some of us at least, in Portugal follow with great interest the happy events in their Empire. Britishers that have resided in this Country for many years have also shewn keenest interest in the intelectual life of Portugal. Much more remains however to be done and let us hope that this historical date of the Jubilee Commemorations in which the Portuguese Press has willingly joined, may remain as a landmark of a new era of development of the friendly relations and spiritual understanding of the Portuguese and the British peoples. Or, as they might be called, *The unacquainted allies.*

Spreading British Culture in Portugal

An event of outsanding importance was the inauguration of the first exhibition of Learned British Periodicals and Reviews in Coimbra, last month, when Professor Providencia da Costa welcomed the British Ambassador in a speech whose significance should be duly appreciated. The learned Librarian of Coimbra University, after stressing the solemn and historical moment in which this event takes place, said: «I say historical moment advisedly, for I see in this exhibition the dawn of a new era which will put an end to the hiatus at present existing between Great Britain and Portugal in spiritual life. Although our two countries have enjoyed a political and commercial alliance for nearly six centuries, with a few very brilliant exceptions, they have never really tried to understand and know each other fully.»

These words pronounced by a man of prominent mentality and the answer given by the able British Ambassador in Portugal are worthy of close attention to all who may desire the welfare of the two know very little of each other. To remind the peoples of England and Portugal of the real historical ties that have, for many centuries, connected their destinies in the world is ever useful—but at the present moment it is a duty to both countries.

Historic Ties

Very few people know the real strength of these ties. Ever since the founder ef Portugal required foreign aid, this has been found in England. The first Catholic Bishop of Lisbon was a Briton; the Crusaders who helped Don Alfonso Henriques to rout the Moors—were Anglo-Saxons.

The Great Dynasty of Aviz, which gave to Portugal worldwide renown and opened the golden gates of the Renaissance period, was founded by a Portuguese King and a British Princess. The daring and adventurous spirit of the Portuguese and the prudence and tenacity of the English was thereby combined in their children, resulting in the great achievements of the fifteenth century. The Alliance that had been a fact since the foundation of the Kingdom of Portugal was then assured by treaties which were to endure throughout all time up to the present day.

These are undeniable historical facts But we are bound to admit, however, that there is one great link missing from the solid chain uniting the two countries. The peoples of Portugal and England are not as well known to each other as they should be. And we ought not to forget that historical facts, which are not always well known to the man in the street—mean little to the popular spirit and has less importance nowadays than a better spiritual understanding between the different peoples in the world.

Need of a Spritual Alliance

We have to admit with regret that the British are not enough understood in Portugal, and for this reason they are not so popular as they would be if there were more spiritual contact between them and the Portuguese, as is the case with the French and Germans, whose literature and art are well known and spoken of ever among the less cultured people in Portugal. Can the same be said in regard to Portuguese residing in England and the Dominions? We are sure that this unfortunate position can be changed, and it is our object, with this end in view to do our utmost to accomplish it. In a previous article we expressed the view that the Anglo-Portuguese Alliance should be strengthened if the rights of either of the two countries should be threatened in any way by any other country—in Europe, in the Dominions, or in the Colonies. We have since received words of encouragement from various prominent people of both nationatilities and the article was reproduced in the «Diario de Lisboa» in a most favourable form. This shows that the best atmosphere can easily be produced for bringing about the much needed campaign towards the «Pro-Spiritual Alliance» indispensable to the perfect understanding between Portugal and England.

Quantos...

Quantos cabelos devem a mocidade do seu belo aspecto ao acreditadissimo tonico-regressivo "Juvénia„!

Quantos anos de intimos ensaios, quantos milhares de frascos vendidos pelas simples recomendação sincera de milhares de pessoas, que ha longo tempo, sistematicamente e por inabalavel convicção usam Juvénia„.

Repare na plateia de um cinema, dum teatro, ou no publico das conferencias.

São raros os cabelos brancos, são imensos os cabelos escuros, "juvenizados„, eternamente moços, sem ridiculas pinturas e apenas com "Juvénia„, tonico-regressivo de muita confiança, que pouco a pouco, lentamente, encontra e fixa a côr natural do cabelo.

Por amor dos seus cabelos recuse decididamente, tudo que não fôr "Juvénia„.

"Ju-vé-ni-a„, quatro silabas de oiro, as mesmas quatro de "mo-ci da-de„! "Juvénia„.

Colaboração Luso-Britanica

Teixeira de Sousa e Robert Williams

Não são felizmente raros os exemplos de boa colaboração anglo-portuguesa tanto na metropole, como nas colonias e nesta hora festiva para o Imperio britanico é-nos muito grato registar este facto.

Angola oferece-nos um exemplo flagrante de quão util pode e deve ser essa colaboração quando inspirada em bases honestas e a todos os titulos vantajosas para os interesses materiais e morais das pessoas e dos países interessados. Queremo-nos referir á grandiosa obra realizada em Angola por intervenção do falecido conselheiro Teixeira de Sousa que, com rara visão do futuro soube encarar as responsabilidades de fazer a primeira concessão para a construção do Caminho de Ferro de Benguela.

Teixeira de Sousa, não hesitou em ligar o seu nome honrado a este grandioso empreendimento, arriscando-o até á maledicencia da politica mesquinha desse tempo, porque sabia avaliar as vantagens que da realização dessa obra resultariam para Angola—e sabia tambem que o homem com quem traiava, sir Robert Williams, era um autentico pioneiro da civilização em Africa e que os seus empreendimentos mereciam a confiança não só dos governos ingleses, mas tambem de todas as outras potencias coloniais.

Sir Robert Williams, escossês de nascimento, fôra colaborador e um dos tecnicos mais considerados de Cecil Rhodes.

A ele se devia a construção da linha ferrea de Broken Hill até ao Congo Belga—um dos mais importantes troços de ligação ferroviaria do Cabo ao Cairo. Fôra ele ainda quem descobrira as minas de cobre da Katanga.

Essa descoberta que justificára o prolongamento daquele caminho de ferro, fizeram que Robert Williams concebesse tambem imediatamente a idéa de procurar um porto de saida mais proximo e economico para o minerio de Katanga.

Estava naturalmente indicado o Porto do Lobito, como o que mais vantagens geograficas oferecia. Assim Angola, por esse feliz acaso da descoberta do minerio rico de Katangá e porque o conselheiro Teixeira de Sousa em 1902 já antevia claramente o futuro que lhe estava reservado, possui hoje o mais longo e importante caminho de ferro de toda a Africa Ocidental. Os seus uberrimos planaltos e as regiões mais salubres da parte central de Angola são agora servidos por uma excelente linha ferrea que está sendo o melhor meio de fomento para toda aquela vasta região de mais de 1.300 quilometros. Sem exagero pode afirmar-se que o Caminho de Ferro de Benguela é a espinha dorsal da nossa colonia de Angola.

Sem que isso seja motivo para regosijo, antes pelo contrario, somos forçados a verificar hoje que o Caminho de Ferro de Benguela, se foi construido com o fim especial de servir o trafego mineiro da Katanga, e naturalmente tambem o fomento de Angola pelas facilidades do transporte que vinha proporcionar aos produtos das regiões que atravessa—está hoje cumprindo em especial esta sua segunda missão, visto o trafego de minerio ter deminuido, devido á crise mundial e o trafego dos produtos do solo de Angola crescer em proporção prometedora.

Sir Robert Williams, cuja vasta experiencia de 50 anos de vida colonial lhe dão o direito de acreditarmos que, para ele, esta derivante de função especial do Caminho de Ferro não foi surpresa, tem feito todos os possiveis para que a companhia que tão habilmente dirige seja na verdade um primordial elemento de fomento naquela colonia—pois daí resultarão as mais seguras vantagens para a exploração do seu caminho de ferro.

Recentemente ainda, aquela companhia iniciou uma campanha de colonização ao longo da linha do caminho de ferro. Propõe-se estabelecer familias, portuguesas é claro, nos melhores locais de Angola fornecendo-lhes tudo o necessario para um principio de vida—e garantindo-lhes um futuro e criando para Angola o seu melhor futuro tambem.

Porque este é um exemplo flagrante de bôa colaboração de vontades, capitais e iniciativa luso-britanicas e porque sir Robert Williams ocupa entre as grandes figuras com seu nome ligado ao desenvolvimento de Africa um lugar de merecido relêvo, não quizemos deixar de lhe prestar aqui hoje as nossas homenagens—fazendo votos sinceros para que a obra que realizou em Angola, com o apoio de Teixeira de Sousa e tantos outros portugueses, seja motivo para que o seu nome fique lembrado com veneração por todos, como o de um dos maiores animadores do fomento em Angola.

Usar **RUTHER**, é ter em alto grau o conceito da beleza e higiene dum dos atributos maiores da perfeição humana.

A' venda na Farmacia Cortez. 91—Rua de S. Nicolau—93.

Aliados na Grande Guerra

pelo general Ferreira Martins

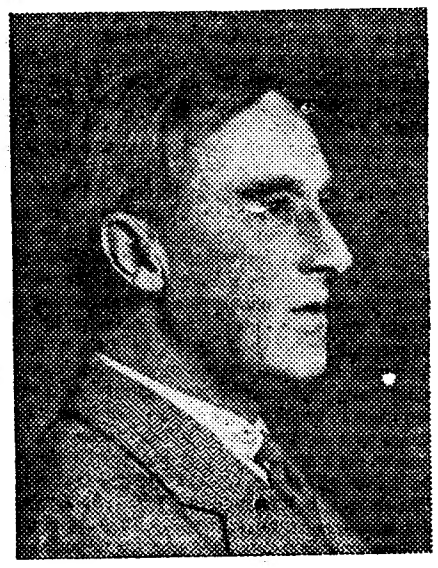
(Continuação da 4.ª pagina)

guês o meu alto apreço pelo trabalho que foi realizado pelo corpo durante o ultimo ano. A despeito de todas as dificuldades e das fadigas devidas ao inimigo e ao clima, o Corpo Português demonstrou um belo espirito e cumpriu lealmente e com pleno sucesso tudo o que lhe foi exigido. Muito se exigiu das tropas até hoje e a situação actual mostra a necesssidade de lhes pedir maiores esforços num futuro imediato; mas estou convencido de que, a esse pedido, corresponderá o nosso fiel e antigo aliado, com o mesmo espirito com que Potugal sempre tem apoiado, até agora, a causa da Liberdade, da Justiça e da Humanidade».

Poucos dias depois, caía, em 9 de abril, sobre a frente defensiva do Lys, a avalanche das divisões alemãs, que tornaram inevitavel, nas condições precarias em que se encontrava a defesa, a derrota tactica das forças anglo-lusas.

As circunstancias especiais que ocorreram na batalha e a deficiencia de informações precisas sobre a acção que nela tiveram os portugueses, foram talvez os motivos por que, no seu relatorio de 20 de julho de 1918, o comandante em chefe britanico, marechal Douglas Haig, se limitou a exprimir o seu «alto apreço pelos serviços prestados pelas tropas portuguesas que, durante todo o inverno, ocuparam continuamente um sector da frente e que em 9 de abril fizeram face ao ataque de forças consideravelmente superiores».

GENERAL FERREIRA MARTINS



SIR CLAUD RUSSEL

Embaixador de S. M. Britanica junto da Republica Portuguesa

Mas lord Balfour, telegrafando, depois da batalha, ao nosso ministro dos Negocios Estrangeiros, em nome do seu governo, referia-se ao «feito valoroso» das tropas portuguesas e acrescentava: «Lamentamos profundamente as perdas que elas tiveram inevitavelmente de sofrer sob o impeto dum ataque executado depois de um intenso bombardeamento e com tão grande superioridade local de tropas; contudo, é-nos grato sentir que os sacrificios comuns, que as nossas duas nações realizam hoje, lado a lado, nos campos de batalha, intensificam a força dos laços indissoluveis que as unem pela causa sagrada da Liberdade e do Direito».

E a Imprensa britanica, em especial o *Times*, de 11 de abril, informado pelo seu correspondente de guerra junto do G. H. E., fez igualmente justiça ao esforço dos portugueses, sobre os quais incidia «o tremendo peso do ataque alemão», á acção de pequenos grupos que «se bateram desesperadamente, embora cercados por forças consideraveis», á luta «homerica» dos portugueses em Lacouture e ao «grande valor» com que se batera a artelharia portuguesa.

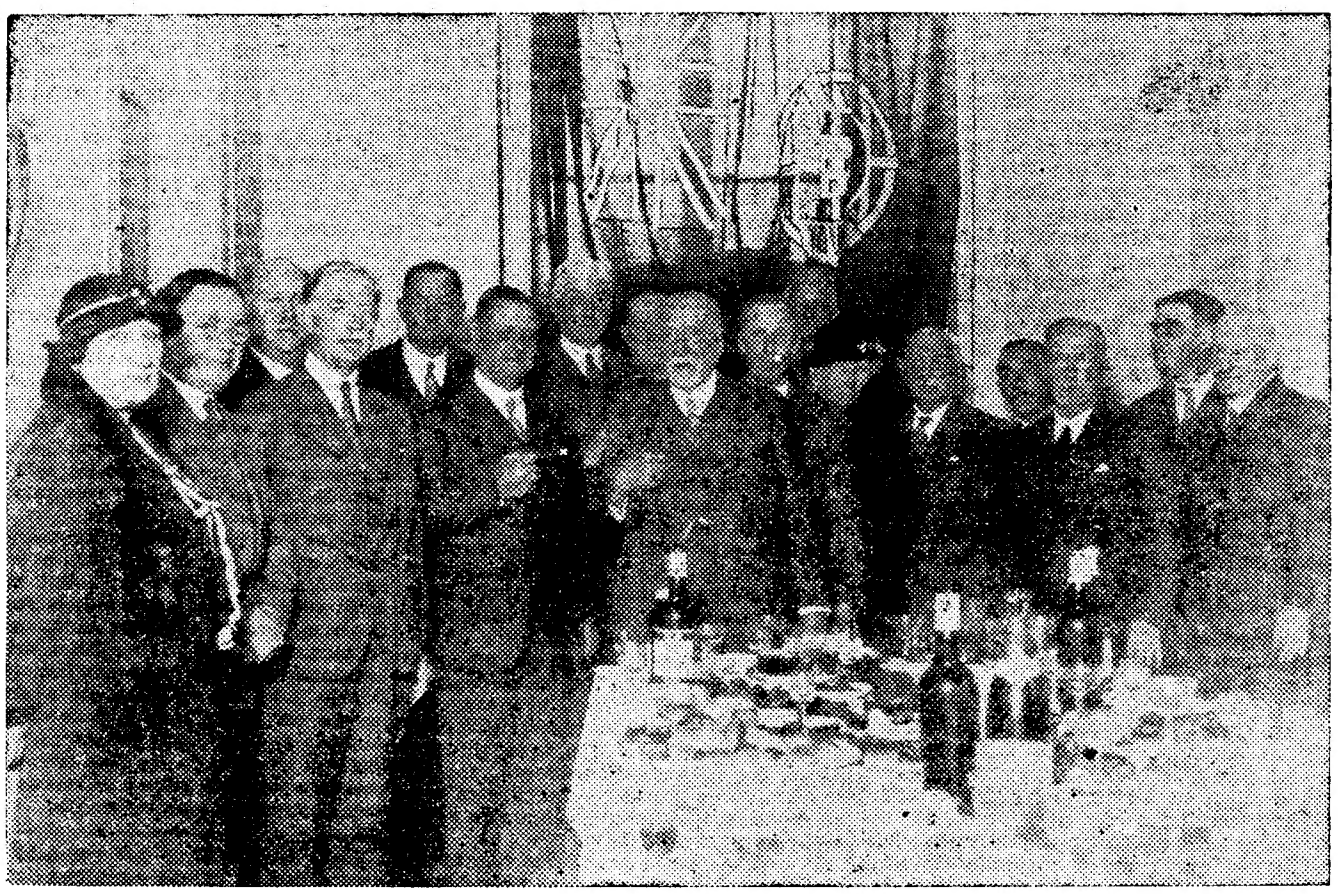
Igual justiça nos fez o historiador Conan Doyle, na sua importante obra *The Briash Campaign in France and Flandres* escrevendo, a proposito do 9 de abril:

«Toda a frente tinha sido revolvida; e, apesar da coragem dos portugueses—coragem tradicional que o duque de Wellington reconheceu, contando-os entre as suas melhores tropas—a posição caiu nas mãos do inimigo... E' preciso reconhecer que os portugueses provaram a maior resistencia, num terreno onde já não havia trincheiras mas apenas parapeitos. Toda a gente é concorde em que o general Gomes da Costa fez tudo quanto se poderia fazer.»

O tradicional orgulho britanico, qualidade intrinseca duma raça que, em multiplas circunstancias, tem sabido justificá-la perante o mundo—nem sempre bem disposto a apreciá-la devidamente—não é incompatiel, conforme se verifica, com a lealdade que timbram em manter os homens da grande nação insular para com aqueles em quem reconhecem seus antigos amigos e fieis aliados.

Merecem essas notaveis qualidades o justo apreço dos portugueses que dificilmente encontrariam uma aliança que constantemente assegurada através de quasi seis longos seculos, se mantém inabalavel, mesmo quando divergencias de caracter politico poderiam explicar, se não justificar, um certo resfiamento nessas seculares relações de reciproca amizade.

E' com prazer que devemos recordar essa inalteravel estima—tão apreciavel para nós portugueses—nesta data em que se comemora o jubileu do reinado de Jorge V, soberano duma realeza onde a Liberdade não é um mito, nem a justiça uma palavra vã.



UMA FESTA LUZO-BRITANICA

Alguns dos mais antigos membros da Colonia Ingleza em Portugal, que assistiam á recepção oferecida pela Sociedade de Propaganda de Portugal, em comemoração do jubileu de Jorge V

AS NETAS

As Princezas Eiizabeth e Margaret Rose, as duas crianças mais populares e queridas que publicamos reproduz o retrato das de de lares na

O Rei e o Imperi

Celebra o Imperio Britanico o «Silvar Jubilee» do Rei de Inglaterra. Na Gran-Bretanha e na Escossia, nas colonias inglesas e nos dominios desenrolam-se, com a maior solenidade celebrações entusiastas e festas sumptuosas.

Trata-se sem duvida, da afirmação do Imperio, mas esse colossal conjunto de regiões, de civilizações e de interesses não se poderia manter, na época actual, se não existisse um sentimento comum, indiscutivel e unico, que tudo e todos ligasse.

Esse sentimento existe, de facto, e foi possivel traduzi-lo por uma formula que corresponde a uma realidade.—No Imperio cada povo tem a sua constituição privativa, é uma unidade local independente; mas todos se submetem a um estatuto comum, baseado na fidelidade ao Soberano».

«Allegiance to the Sovereigu».

Note-se bem o significado destas palavras. Ainda ha poucos dias as proferiu, numa entrevista que deu na Madeira, o general Hertzog, primeiro ministro da Africa do Sul republicano, democrata, africander e cidadão do Imperio.

As recordações de vassalagem que

E JORGE V

nove e quatro anos de idade, são actualmente em todo o Imperio Britanico. A gravura princezinhas que hoje se vê em milhões n Bretanha

orge V

Britanico

pelo general NORTON DE MATOS

essas palavras evocam, desaparecem perante a velha maxima «uma vez cidadão, sempre cidadão», perante a força dos principios que regem a grande democracia britanica e, acima de tudo, perante a alta figura moral e politica do actual Rei da Inglaterra.

Sómente a grande veneração por um homem poderia levar homens tão ciosos da sua dignidade pessoal e politica a escolherem-no como chefe comum, a curvarem-se perante ele com fidelidade e lealdade a constituirem-se voluntariamente em vassalagem espiritual, dignificadora e indispensavel para a manutenção do Imperio.

Sua Majestade o Rei Jorge V, depois dos anos cruciantes da Grande Guerra e das constantes provas de força moral e de dignidade humana, que tem dado durante o seu reinado, foi elevado pelas nações que formam o Imperio Britanico, a uma posição social de grandeza nunca conhecida na Historia. Em torno do seu nome se congregam hoje, com as excepções naturais e até necessarias, as nobres aspirações, as ansias de paz, de tranquilidade e de bem da humanidade, que caracterizam o Imperio Britanico.

Um glorioso reinado de 25 anos

pelo Conde de Penha Garcia

O jubileu do Rei Jorge V, soberano do maior Imperio do mundo, é um facto historico que interessa a terra inteira e que é celebrado com particula rregosijo através de todo o Imperio britanico.

Os vinte e cinco anos de duração do reinado até hoje, são natural ensejo para relembrar os acontecimentos dificeis, as lutas, os triunfos, as grandes obras de transformação e de renovação, que encheram esses 25 anos da historia inglesa.

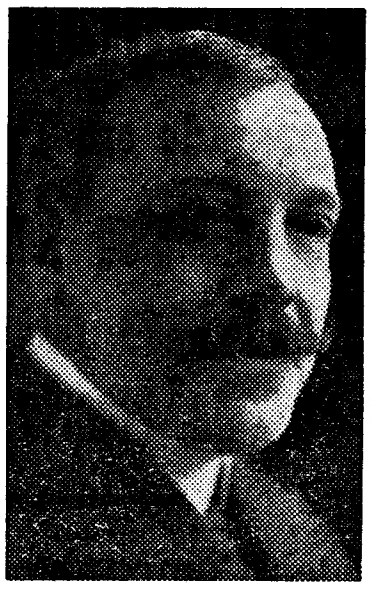
São tambem ocasião de medir a consideravel influencia do soberano na solução dos grandes problemas da vida do Imperio. [illegible] exame sai particularmente [illegible]ndecida a figura de Jorge V. [illegible] dizer-se, sem receio de desmentido, que Buckingham Palace foi o arbitro das grandes querelas inglesas. O *Parliament-Bill*, o *Home Rule*, as mais graves resoluções da Grande Guerra, o acesso do *Labor party* ao Governo, a aclamação politica, a solução da greve geral, as conferencias imperiais, as reformas da India, e tantos outros factos capitais da agitada vida do Imperio nos ultimos 25 anos tiveram sempre como arbitro o grande Rei que se chama Jorge V.

Ele tem sido o conselheiro esclarecido e prudente, e o Homem de alta envergadura moral que nas suas mensagens indica ao povo inglês, nos momentos dificeis, o melhor caminho a seguir.

El-Rei D. Manuel, que durante o seu longo exilio frequentava muito o Rei de Inglaterra, dizia-me um dia: «Grande fortuna tem sido para o Imperio britanico ter encontrado em Jorge V o soberano ideal para os dificeis momentos que vem atravessando. Nenhum outro o iguala em dignidade, prudencia, bom senso, coragem fisica e moral, e sobretudo no mais alto conceito da sua responsabilidade de Chefe de Estado».

E' esta a opinião universal sobre o Rei de Inglaterra no momento em que se celebra o seu jubileu.

Tendo servido muitos anos na Armada Real, e realizado varios cruzeiros á roda do mundo antes da sua ascensão ao trono, o rei de Inglaterra é bem o mais perfeito representante dum povo de marinheiros e viajantes. As suas altas qualidades



CONDE DE PENHA GARCIA

morais fortaleceram a sua delicada função de laço visivel, que assegura a unidade do Imperio, desse imenso Imperio cuja area é igual a cento e dezanove vezes a da Metropole e cuja população engloba a quarta parte dos habitantes da terra. Alicerça-se o grande Imperio britanico em cinco continentes e nele cabem todas as raças, todas as religiões, e grande numero de linguas.

Durante os vinte e cinco anos do reinado de Jorge V o Imperio britanico aumentou a sua area com mais 2.570.000 quilometros quadrados e bastantes milhões de habitantes. Não foi porem este aumento o facto mais notavel da vida imperial durante este periodo. Dois factos sobretudo sobrelevam a todos na evolução do Imperio: a obtenção da sua carta organica politica e o seu estatuto economico.

Ambos ainda em periodo de transformação, para ambos contribuiu com a sua intervenção benefica o soberano inglês. Criaram-se novos organismos para assegurar ao Imperio solidariedade no campo politico e no campo economico e o nome de Jorge V ficará ligado ás grandes reformas que buscam manter em novas formulas a grandeza do Imperio. Pretendem elas dar-lhe estabilidade e força e vizam a uma tal elasticidade, que dentro de multiplas variedades se possa manter o maximo de solidariedade e de unidade.

Durante este periodo de 25 anos intensificaram-se as relações entre Portugal e a Inglaterra e se os deveres da aliança nos levaram a participar na Grande Guerra, esse facto tornou mais visivel a sua existencia e sublinhou a sua natureza intrinseca. O equilibrio das nossas finanças, a obra do Estado Novo e a renovação da sua actividade colonial conquistaram-nos o respeito dos ingleses e fortaleceram a nossa posição na aliança. A evolução politica do Imperio britanico e o seu acrescimo territorial em Africa criaram, porém, novas modalidades nas nossas relações coloniais. A colonia de Tanganika e o sudoeste africano, territorios sob mandato britanico, alongaram as fronteiras comuns no conti-

(Vêr continuação na 12.ª pagina)

DR. RUY ULRICH

Embaixador da Republica Portuguesa junto da côrte britanica

UM ENCONTRO HISTORICO

O sr. general Norton de Matos e Lloyd George trocam, no Estoril, impressões sobre a historia da participação de Portugal na guerra

HA MAIS DE MEIO SECULO QUE A INDUSTRIA INGLESA CONSTROE

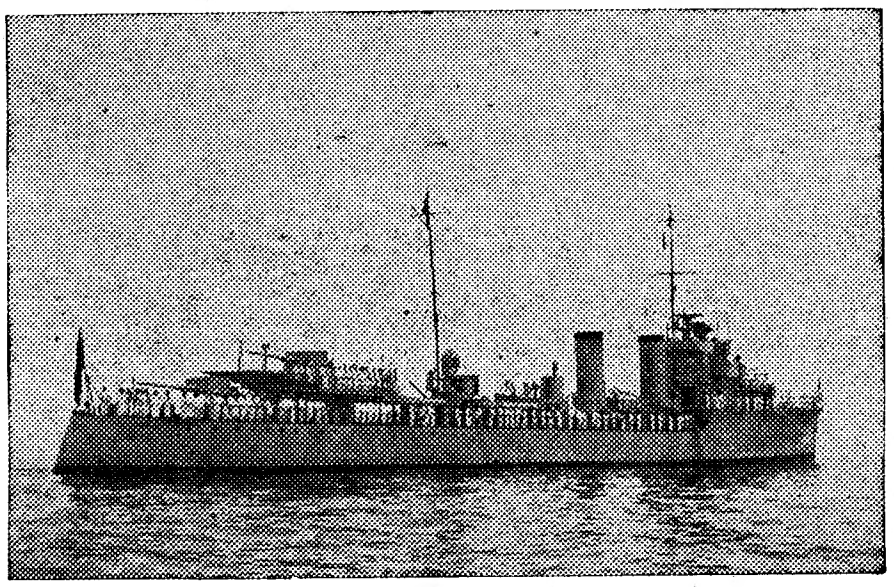
contra-torpedeiros e torpedeiros para a esquadra portuguesa

Ha mais de meio seculo que a alta industria britanica, fornece contra-torpedeiros e torpedeiros para a Marinha de Guerra Portuguesa.

Coube á afamada empresa Yarrow, com sede em Glasgow, a honra de contribuir para esses fornecimentos, desde tão remota data.

As primeiras encomendas que recebeu do governo português, foram as de 4 pequenos torpedeiros, os quais provaram admiravelmente.

Mais tarde a casa Yarrow elaborou o plano que serviu para a construção no nosso Arsenal dos contra-torpedeiros «Douro», «Guadiana», «Vouga» e «Tamega», cujas caldeiras foram igualmente fornecidas por aquela empresa.



O contra-torpedeira "Dão„ construido sob desenhos Yarrow, por operarios portugueses na Sociedade de Construções Navais e que nas provas finais de velocidade atingiu mais de 38 milhas horarias, sendo a velocidade media horaria fixada em 37,4 milhas o que representa um extraordinario triunfo de construção.

Agora, em face do programa naval de 1930, a casa Yarrow velha e prestigiosa fornecedora do governo português, recebeu a importante encomenda dos contra-torpedeiros do referido programa. Dois deles—o «Vouga» e o «Lima»—foram construidos em Glasgow e os três restantes foram-no em Lisboa, na Sociedade de Construções Navais, por operarios portugueses, segundo planos Yarrow e com caldeiras e outro material fornecidos por esta empresa.

ARMAMENT AGENCY LTD

Representantes Gerais em Portugal de

VICKERS-ARMSTRONG LIMITED

Fornecedores de material de guerra
para o Exercito e Marinha de Portugal

VICKERS AVIATION (Limited)

The Supermarine Aviation Works
(Vickers) Limited

Aviões de todos os tipos, maritimos e terrestres
Material de Aviação e Accessórios

RUA DOS FANQUEIROS, 12 — 3.º

TELEFONE 2 1131
TELEGRAMAS — ARMCY

LISBOA

A. H. W. King, O. B. E.

Consul da Gran-Bretanha em Lisboa e secretario comercial da Embaixada de Suas Majestades Britanicas em Portugal.

A. H. W. KING

O sr. King tem acompanhado com o maior interesse o desenrolar da vida portuguesa desde que em 1928 foi transferido para Lisboa. Da leitura dos seus relatorios sobre finanças e expansão comercial portuguesa nos ultimos anos verifica-se a lealdade e justiça com que o ilustre consul observa e comenta a politica nacional.

Pode, pois, o sr. King enfileirar no grupo dos ingleses que são verdadeiros amigos de Portugal.

UMA DATA MEMORAVEL

A Gran Bretanha e o seu Rei

pelo general Vicente de Freitas

Festeja o Reino Unido neste dia o 25.º ano da ascensão ao trôno de Jorge V e associam-se ás homenagens que lhe são prestadas as nações amigas e aliadas.

Portugal não pode ficar indiferente a essas manifestações de regosijo pelas tradições de amizade e aliança renovada e mantida através de seculos.

Recordar um pouco a historia e lembrar as lutas em que portugueses e ingleses combatendo lado a lado conseguiram impôr-se, é avivar o sentimento daquela cordial amizade, é arreigar cada vez mais no espirito dos dois povos a necessidade, por interesse comum, de a manter.

Iniciada, nos fins do seculo XIV por um simples acôrdo entre o duque de Lencastre, filho do rei D. Duarte III de Inglaterra, e D. Fernando rei de Portugal, em virtude das lutas com os castelhanos, contribuiu para o estabelecimento da paz.

E' nesta época que os *Doze de Inglaterra*, segundo a historia, ali vão, a pedido daquele duque defender a honra das damas inglesas e lhe merecem, segundo o nosso imortal Camões, as seguintes referencias:

... ...

Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor e partes tão divinas
Que eles só poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

que mostram não só o nosso valor e ousadia, mas ainda a presteza do nosso auxilio quando solicitado.

As pretensões de Castela depois da restauração da nossa independencia, no seculo XVII, e o casamento de D. Catarina com Carlos II da Inglaterra vieram renovar a antiga aliança, obrigando os dois paises a um auxilio mutuo, quando ameaçados os seus dominios.

GENERAL VICENTE DE FREITAS

O bloqueio continental, estabelecido por Napoleão, mais uma vez vem estreitar as relações entre Portugal e a Inglaterra.

Os dois exercitos aliados na *guerra peninsular* expulsam do territorio português os invasores franceses, fazendo-os experimentar duras perdas em sucessivas batalhas.

A recente guerra europeia, enquadrando divisões portuguesas em corpos de exercito ingleses, é ainda insofismavel afirmação do desejo latente de manter a nossa secular aliança e corresponder a qualquer apelo que em razão dela nos seja feito.

... ...

A passagem desta data proporciona-me o ensejo de manifestar a minha simpatia pela Inglaterra e pelo seu Rei.

As comemorações do Jubileu

Cada cidade e cada vila da Gran-Bretanha está organizando a sua forma especial de celebrar o jubileu.

Entre outras, a linda cidade de Oxford apresenta um grandioso programa pelo dia adiante, e a noite surgirá da escuridão como uma cidade de sonho toda inundada de grandes ondas de luz, revelando as belezas arquitectonicas da celebre universidade; e inumeras luzes multicôres brilhando no rio e entre o arvoredo, darão singular relevo ao feerico cenario que a cerca.

Nos aredores, milhares de crianças combinaram passar o dia dansando o pitoresco *May-pole* e outras dansas tradiconais populares.

Em varios pontos organizam-se deslumbrantes cortejos em que figuram antigos reis e rainhas de Inglaterra, corridas e jogos aquaticos e em todos os parques serão plantadas arvores de jubileu». E estas festas prolongam-se durante o dia todo, iniciadas ás 7 da manhã pelo festivo repicar dos sinos e acabando, alta noite, com iluminações e fogos de artiicio.

Realiza-se uma grande festa nos jardins e no palacio real de Sandringham, em Norfolk, onde o rei Jorge oferece a 1.500 dos seus empregados, pensionistas e agricultores, seus inquilinos dessas grandes propriedades campestres, um magnifico chá, no parque do Palacio.

O maior democrata

Cita-se frequentemente esta frase do rei Jorge:

«As bases da gloria nacional fixam-se nos lares do Povo».

E, de facto, a simplicidade familiar que rodeia a vida caseira do rei e da Rainha leva a nação a considerar o seu soberano, como o chefe da grande familia do povo inglês. Ele proprio refere-se ao seu Imperio chamando-o «My Family» e na saudação radiografada no Natal para os dominios de além-mar, Jorge V dirigiu-se «ás pessoas de minha familia, que estão longe».

Os operarios portugueses constroem com perfeição

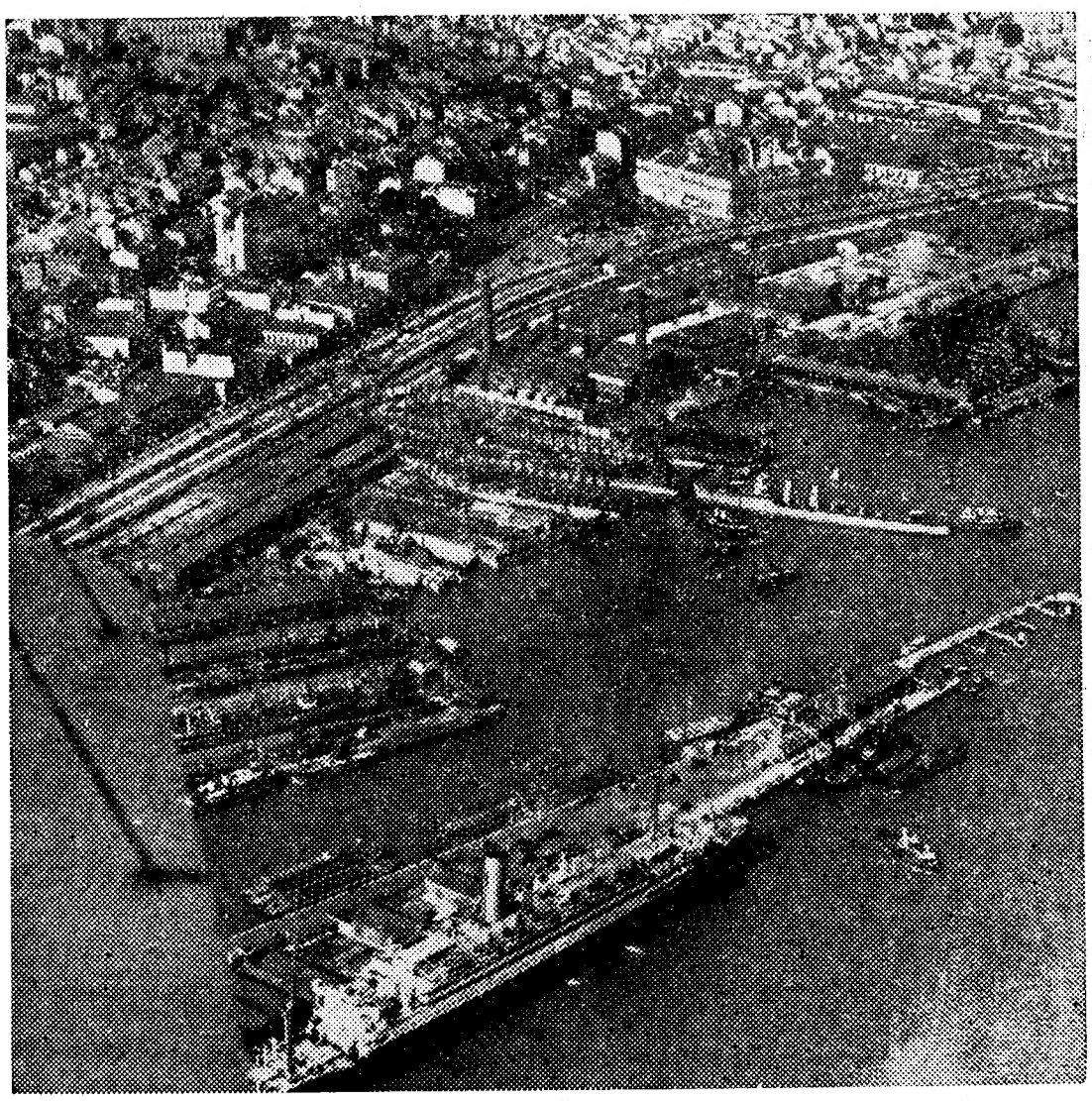
navios de guerra dos mais modernos tipos e de grande valor militar

E' na verdade com legitimo orgulho que a Sociedade de Construções Navais pode lembrar que demonstrou praticamente a possibilidade de se construirem em Portugal e por operarios portugueses contra-torpedeiros de 1.350 toneladas, em série, com notavel rapidez e extraordinaria perfeição, por forma a honrar nobremente a industria nacional.

Não deixa tambem de ser curioso recordar que os dois contra-torpedeirós ali construidos e depois cedidos á Colombia, levaram esta inscrição gravada no seu aço: **«CONSTRUIDO EM PORTUGAL».**

Desta forma, a Sociedade de Construções Navais levou até aos mares do Sul um cartaz gritante do ressurgimento português, em obra que dignifica os operarios de Portugal e que garante os progressos e o futuro da nossa industria de construção naval. Presentemente, a Sociedade de Construções Navais constroe os contra torpedeiros «Tejo» e «Douro», respectivamente 4.º e 5.º navios de guerra saidos dos seus estaleiros.

E assim, quer em construções, quer em reparações de navios, á Sociedade de Construções Navais, (á Rocha do Conde de Obidos), realiza uma notavel obra social dando trabalho e prestigio a muitas centenas de operarios portugueses.



De meses a meses a multidão aclama os operarios da Sociedade de Construções Navais, quando mais um grande contra-torpedeiro é lançado solenemente à agua

Um glorioso reinado de vinte e cinco anos

pelo conde de Penha Garcia

(Continuação da pagina central)

nente negro, e, a evolução da Africa do sul e das colonias inglesas da Africa Central, estão criando novos aspectos áquelas relações.

Têm elas sido amigaveis durante os 25 anos do reinado de Jorge V e baseadas num bom espirito de cooperação na obra comum de civilizar e transformar o continente negro. Quer nas relações com a Metropole, quer com as colonias não afrouxaram as nossas relações economicas, os nossos dois paises continuam a manter entre si um forte movimento comercial. O nosso moderno nacionalismo que cada dia mais se afirma e avigora, não tem afrontado, como alguns temiam, o nacionalismo inglês, antes parece ter-nos engrandecido aos olhos dos nossos velhos aliados. Considerando de perto as causas da nossa aliança com a Inglaterra, facilmente se verifica que nos ultimos 25 anos em pouco ou nada se têm modificado as causas profundas que a originaram.

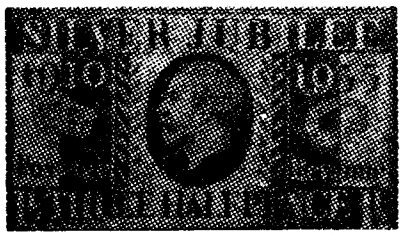
Não ha duvida que faltam ás nossas relações certas bases espirituais que muito fortaleceriam e que ingleses e portugueses precisam conhecer-se melhor e estreitar entre si as relações culturais.

Podemos contudo associar-nos á celebração do jubileu do soberano inglês com conhecimento de causa. Não apenas por mera cortezia internacional, mas com um sentimento mais profundo. Durante os 25 anos que já tem durado o reinado de Jorge V, têm vivido os nossos dois países como bons amigos e aliados, e os portugueses aprenderam a conhecer as grandes qualidades morais do soberano inglês.

Por isso, enquanto através do Imperio britanico, no dia jubilar, se entoarem grave e reflectidamente as palavras simbolicas com que começa o hino inglês «Good Save the King», no país amigo e aliado, na Republica Portuguesa, podemos acompanhá-las em homenagem a Jorge V, dizendo singelamente, «Deus Proteja o Rei».!

Selos do Jubileu

Os correios ingleses fizeram uma emissão de 1.000.000.000 de selos comemorativos das bôdas de prata do reinado de Jorge V e da rainha Maria.



Foi o proprio rei quem escolheu entre os numerosos desenhos apresentados ao concurso o modelo do sêlo comemorativo, que aqui reproduzimos. Desenhou-o um pobre artista judeu, Barnett Freedman, a quem Jorge V quiz proporcionar esta recompensa, por conhecer as suas dificuldades.

REAL COMPANHIA VINICOLA DO NORTE DE PORTUGAL

(Fornecedora da Presidencia da Republica)
Filial de Lisboa
Rua do Alecrim, 119 Telefone 2 2556

Os nossos vinhos do Porto, REAL PORT, são finissimos vinhos do Alto Douro, severamente seleccionados nas compras e depois esmeradamente tratados, envelhecidos e engarrafados nos nossos vastos armazens de Vila Nova de Gaia, os maiores da Peninsula Iberica.

Vinhos genuinos e velhos
E' um prazer bebê-los
E' uma honra oferecê-los

PEÇAM A NOSSA TABELA DE PREÇOS CORRENTES

O RENOVAMENTO DA ALIANÇA INGLESA

Porque se cedeu Tanger e Bombaim á Inglaterra

por ROCHA MARTINS

Um dos ataques feitos, desde há seculos, por alguns portugueses á aliança inglêsa, cifra-se na cedencia de Bombaim e Tanger á Grã-Bretanha, em 23 de Julho de 1661, sendo regente de Portugal, D. Luiza de Gusmão, em nome de D. Afonso VI.

Assinaram o tratado pelo qual se realizava o consórcio da infanta D. Catarina, com o leviano Carlos II, o conde da Ponte e lords duque de Albermale, condes de Manchester, de Clarendon e de Southampton, com os secretarios Morice e Nicholas.

O dote era pingue, davam-se ainda ainda mais vantagens aos aliados como, por exemplo, a concessão aos comerciantes britanicos de privilegios iguais aos dos portugueses na India, na Baía, em Pernambuco e Rio de Janeiro e, se Ceilão voltasse ao dominio português, o porto de Gale seria entregue á Inglaterra, etc.

Pareceu, depois, muito caro o preço e por mais de três séculos, e ainda hoje, são anatematizados os Braganças por aquele acto capitulado de tredo e vil. Culpas maiores e mais justas podem lançar-se, se quizerem, sobre a dinastia porém a entrega de Tanger e Bombaim, não representa crime de lesa pátria. A rainha, espanhola, mas profundamente compenetrada do seu papel, sentiu, com os seus conselheiros, que Portugal não podia defender as possessões sem o

ROCHA MARTINS

auxilio de um país forte, bem armado, senhor de poderosas esquadras. Ainda eram dilatadissimos os dominios apesar da falta dos que os holandeses nos foram conquistando no periodo da usurpação espanhola.

Instalaram-se em parte da India e do Brasil, preocuparam Angola e Moçambique. Quando, em 1640, Portugal se libertou, não possuia outros recursos alem do valor, brio e patriotismo dos seus capitães e soldados, com os enormes sacrificios monetários de toda a gente. Os espanhois ameaçavam as fronteiras, dificilmente defendidas, e em Londres os seus diplomatas procuravam, a todo o transe, impedir o auxilio da Inglaterra ao país que desejavam reconquistar para a sua corôa.

Fez-se o renovamento da aliança. A nação cedeu Bombaim—que os portugueses vêm tal qual é hojej e não a ilha precária da época em que foi alienada—mas El-Rei da Grã-Bretanha «prometia trazer no coração as coisas de Portugal e defende-lo com as maiores forças suas, assim por mar como por terra, como á mesma Inglaterra».

O país entregou duas praças para salvar o resto e não ter cuidados no ultramar, enquanto os seus soldados se batiam nas fronteiras; a rainha, viuva de D. João IV, do fundador da dinastia de Bragança, tambem se sacrificou. Só pode avaliar o seu patriotismo quem sentir como sofreria a sua alma de religiosa, devotissima, ao casar a filha com o protestante Carlos II, entregando-a a uma nação que detestava os católicos, os papistas.

Tratava-se de defender o solo de Portugal; renovou-se, daquela fórma, com utilidade, a aliança inglesa, que nos é sempre indispensavel, e a independencia manteve-se.

O ORÇAMENTO INGLÊS

A Gran Bretanha precisa mais "babies"

para povoar os seus Dominios

Ao apresentar o ultimo orçamento na Camara dos Comuns, o chanceller Neville Chamberlaim proferiu um notavel e substancioso discurso de justificação—que certamente ficará historico pelo seu bom senso e larga visão do futuro na vida do grande Imperio, na hora dificil que o mundo atravessa.

O aspecto mais interessante deste orçamento que apresenta um *superavite* de muitos milhões de libras,—mais interessante por ser o que mais directamente se refere á vida da familia e ao futuro da raça Britanica—justificou-o lord Chamberlain com as seguintes palavras:

«Vejo com verdadeira apreensão o declinio da natividade no Reino Unido.

Neste momento poderá parecer que possuimos um excesso de população para a capacidade da nossa terra. Não esquecemos tambem que os nossos Dominios lutam com serias dificuldades para estabelecerem uma mais vasta população perante os seus proprios problemas do desemprego.

Sinto porém que, num futuro não distante, as excepcionais condições que ainda prevalecem nesta hora, estarão totalmente modificadas. E será indispensavel então que a Gran Bretanha possa fornecer aos seus Dominios, quando estes os necessitam, todos os cidadãos da boa qualidade daqueles que se formam e educam em Inglaterra.

Se não quizermos abandonar o futuro da Raça Britanica e antes desejamos a sua expansão—mantendo a sua qualidade—todo o incitamento e dinheiro que se gaste para esse efeito no aumento da nossa população não será de pura perda mas sim, muito bem empregado».

Esta declaração do chanceler das Finanças Inglesas serviu para justificar a reduções estabelecidas neste orçamento nas ver bas respeitantes ao imposto do rendimento visto o criterio adoptado para as reduções obedecer a uma relação com o numero de filhos de cada casal, conforme se verifica pelos seguintes quadros, comparativos entre as contribuições do ano futuro e as do ano que finda.

Casal sem filhos

Rendimento	Contribuição anterior	Novo orçamento
£ 200	£ 1 — 2 — 6	
£ 250	£ 5 — 12 — 6	£ 2 — 5 — 0
£ 300	£ 10 — 2 — 6	£ 5 — 5 — 0
£ 350	£ 14 — 12 — 6	£ 8 — 5 — 0
£ 400	£ 19 — 2 — 6	£ 13 — 10 — 0
£ 450	£ 27 — 11 — 3	£ 22 — 10 — 0
£ 500	£ 36 — 11 — 3	£ 31 — 10 — 0

Casal com um filho

Rendimento	Contribuiçao anterior	Novo orçamento
£ 300	£ 4 — 10 — 0	nada
£ 350	£ 9 — 0 — 0	£ 4 — 10 — 0
£ 400	£ 13 — 10 — 0	£ 7 — 10 — 0
£ 450	£ 18 — 0 — 0	£ 11 — 5 — 0
£ 500	£ 25 — 6 — 3	£ 20 — 5 — 0

Verifica-se que um casal com um filho, cujo rendimento não seja superior a £ 250 anuais, nada terá a pagar.

Um casal com 3 filhos nada terá a pagar, por exemplo, se o seu rendimento não excede a £ 350 anuais.

Mas não ficou por aqui, no campo das reduções de impostos, o novo orçamento inglês. Elaborado com um largo criterio de humanidade dele beneficiaram cerca de 2.250.000 pequenos contribuintes—principalmente os chefes de familia, motivo bastante para restabelecer a «confiança e alegria de viver» que os ingleses não desejam perder—para não afundarem todo o seu passado e futuro numa *miseria relativa* que outra cousa não seria para eles o resultado dum abaixamento do seu *standard of life*.

Assim, sem sacrificar mais do que no razoavel o povo o governo inglês conseguiu reconquistar para a vida da nação, segundo as palavras do proprio chanceller, oitenta por cento da sua antiga prosperidade e propõe-se reconquistar os restantes 20 0/0 num futuro proximo ao mesmo tempo—e quiçá por essa mesma razão tambem—que revoga as *cortes* nos vencimentos do seu funcionalismo, que em 1931 havia sido forçado a decretar.

Mas como o povo precisa de divertir-se e ser feliz, o governo reduz tambem entre outros, os impostos nos bilhetes mais baratos de teatro e cinema, desde que estes não escedem seis dinheiros ou um shiling, por pessoa.

E enquanto alguns Paises da Europa promovem uma campanha pela intensificação da natividade com intenções mais ou menos bélicas incluindo á mocidade o espirito guerreiro, a Gran Bretanha, com um elevado sentimento humanitario deseja proteger a familia e criar cidadãos para alargar a sua raça dentro das fronteiras do seu Imperio—educando a sua mocidade no espirito desportivo, que lhes dará *endurance* lealdade, espirito de justiça e saude, para bem servirem a sua grande Patria.